

MÚSICA

Sinfônica Jovem presta homenagem em concerto

Apresentação lembra Ernst Mahle, compositor colaborador da orquestra

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

O compositor Ernst Mahle foi um dos principais colaboradores da Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba, tendo colaborado, ao longo de anos, com composições especialmente concedidas e compartilhadas com o grupo. Com proposta mais educativa e formativa, as peças tornavam-se elemento de criação e descoberta dos jovens que participam da sinfônica. Pelo grande papel de Mahle, a orquestra realiza, hoje, um concerto em homenagem ao alemão naturalizado brasileiro falecido recentemente. A apresentação será às 20h30, com distribuição de ingresso, gratuitamente, a partir das 19h, no Espaço Cultural.

Será realizada a execução de "Concerto para trombone e orquestra", de sua autoria, que terá como solista a trombonista Larissa Feliçano. Haverá espaço, ainda, para músicas popularmente conhecidas da orquestra, do músico estadunidense Ray Conniff e xotes do Maestro Duda.

Foto: Roberto Guedes



Luiz Carlos Durier, mais uma vez, será o regente na apresentação dos jovens músicos

Essa é a terceira apresentação do ano da orquestra, com regência do maestro Luiz Carlos Durier.

"Mahle foi uma pessoa que muito colaborou e da qual eu sou muito grato por todo o material que ele sempre me enviou graciosamente para que eu pudesse fazer com a Sinfônica Jovem da Paraíba", conta o mestre. "Uma das orquestras que mais tocou o maes-

tro é a Sinfônica Jovem da Paraíba".

Na colaboração, Mahle mandava composições para a orquestra. "Isso porque um maestro deve colocar um repertório para a sua orquestra, que ela possa tocar com dignidade, com beleza e com aptidão artística", prossegue Durier. "Todo o seu repertório, basicamente, é voltado para orquestras de formação. Então, essa nossa

gratidão, é a nossa homenagem e nós faremos isso com o coração bem cheio de emoção".

ONDE:

■ SALA JOSÉ SIQUEIRA
(Espaço Cultural,
R. Abdias Gomes
de Almeida, nº 800,
Tambauzinho, João
Pessoa).

MÚSICA

Candiero grava ao vivo no Teatro de Arena

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Lançado em fevereiro deste ano, *O Grande Banquete*, álbum do coletivo cristão Candiero ganha, agora, um registro audiovisual e um disco ao vivo do trabalho pelo selo do grupo. A gravação acontece hoje, às 19h, no Teatro de Arena do Espaço Cultural José Lins do Rego, em Tambauzinho. Já em seu terceiro lote, os ingressos podem ser adquiridos no site (www.turnegrandebanquete.com.br), no valor de R\$ 20.

O álbum foi bem recepcionado nas plataformas digitais e por isso mesmo o coletivo resolveu celebrar a repercussão com a Turnê *O Grande Banquete*, passando por cidades como João Pessoa, Recife, Fortaleza, Salvador, Brasília e Goiânia. Marco Telles, diretor do grupo, refere-se à obra como um sermão musical, em

Foto: Divulgação



Coletivo de música religiosa faz registro de palco do disco de sucesso "O Grande Banquete"

trilhas como "Casa cheia" e "A resposta", compostas por Marco e Filipe Da Guia, co-fundador do coletivo.

"Estamos mobilizando bastante gente na equipe técnica, com profissionais de Recife, São Paulo e produtores pessoais", afirma Marco. "Além disso, existe uma mobilização de público, com caravanas confirmadas de

todas as regiões do país. Isso deixa a gente muito animado. Para o nosso coletivo é um marco histórico".

O grupo já soma seis anos de atividade investindo na produção de música autoral, sobretudo a nordestina, muito embora artistas de todo o Brasil integrem o trabalho. "O culminar disso é esse evento, uma espé-

cie de confirmação da qualidade da nossa composição, da nossa lida, da nossa família", conclui.

Além de *O Grande Banquete*, o Coletivo Candiero gravou também *Colcha de Retalhos* (2023). A gravação de hoje contará com a participação da banda Calmará, além das cantoras Ana Heloísa e Midian Nascimento.

Crônica Em destaque

José Nunes - Jornalista

Lições que nunca esquecemos

Uma data marcante para mim é o dia 5 de fevereiro de 1975. Nessa data, minha primeira crônica foi publicada no jornal *O Norte*. Pouco mais de uma lauda datilografada na Remington. Um texto curto que relembrava uma viagem a Serraria, quatro anos depois que de lá tinha saído.

Para publicá-lo, como fazia em outras oportunidades, Nathanael Alves "passava a vista", apontava os excessos. Exercício maravilhoso para aprender as artimanhas de escrever. O amigo realizava o trabalho com paciência. Devo muito a esse conterrâneo por ensinar o passo a passo de como montar um texto; apontou a base das leituras e da literatura, ainda hoje em construção.

Na convivência com os escritores, artistas e pensadores, exercitámos o aprendizado. Na discussão literária, construímos caminhos e saberes.

Quando cheguei às redações, ainda era comum o hábito antigo entre os repórteres e redatores: concluída a edição do jornal, reuniam-se em torno da mesa de bar para intermináveis conversas, sempre regadas a cerveja.

Quando passei a frequentar a Redação de *O Norte*, em 1976, como copiador de telegramas das agências de notícias e repórter noturno, participei dessa rotina.

Presenciaava

Nathanael Alves, Martinho Moreira Franco e Gonzaga Rodrigues

copidescendo as matérias e, num intervalo, discutindo o conteúdo e a forma de seus artigos. A crônica publicada no dia seguinte, quase sempre, era motivo de debate pelo trio.

Depois que esse trio afinou o passo — ou melhor, a escrita

—, praticaram a crônica como literatura. Muitas décadas depois, Gonzaga é o único a manter o hábito semanal de publicar uma crônica, resgatando fatos do cotidiano com a mesma maestria de quando começou a escrever.

No ano de 1981, depois que Nathanael partiu para ser presença entre as estrelas do firmamento, para não ficar órfão, Gonzaga trouxe o compasso para meus escritos, ajudando a tirar dúvidas quanto ao emprego do substantivo e da sintaxe.

Por causa de uma frase fora do contexto, colocada em uma crônica sobre o ninho de beija-flores, no pátio da empresa onde trabalhou, fui motivo de carões por parte dele. Quando encontra um escorregão no texto, ele chega com os conselhos para evitar a frase troncha.

Aprendi bastante com os três amigos — Nathan, Martinho e Gonzaga. Sempre recorro a Gonzaga nas minhas aflições literárias. Quanto é bom ter a quem recorrer na hora da difícil gesticulação do texto.

Desses três amigos e mestres, recolhi lições para a convivência com as artes, com os livros.

Com os monges primitivos, aprendi que caminhar purifica os pensamentos e evita estropiar as palavras.

Os aprendizes do ofício de escrever estão sempre carentes do olhar crítico. Os críticos literários e estudiosos da literatura, o olhar acadêmico, são importantes na orientação ao escritor.

Com o passar do tempo, amiúde, Gonzaga revelou as raízes da melhor forma de elaboração da frase, o uso da palavra correta na descrição da cena imaginada.

Desde os primeiros passos, os conselhos dele vieram se juntar ao que Nathan transmitia. Escrever é buscar, sempre, a magia das palavras para montar o retrato da cena que se deseja.

Colunista colaborador

Vitrine cultural

Foto: Wellington Jan/Divulgação



Gitana Pimentel e outras atrações no Manga Rosa

A cantora é uma das atrações juninas da semana no Manga Rosa (Bessa, João Pessoa), que começou, ontem, com Lily Sanfoneira. Gitana canta hoje, seguida pelo Trio Baraúna, amanhã. No sábado, é a vez do grupo Forró de Fininho. No domingo, o show é do Candeeiro Natural. E na segunda, Pedro Paz. Todas as apresentações são às 20h, exceto domingo, que é às 19h.

Itaú Cultural Play celebra quatro anos com *Limite*

A plataforma gratuita de streaming faz aniversário hoje e comemora durante o mês com a parceria de festivais de cinema, como o Olhar de Cinema, de Curitiba (PR), e o CineOP, de Ouro Preto (MG). Hoje, tem o lançamento de clássicos em cópias restauradas, começando por *Limite* (1931), de Mário Peixoto, um dos mais importantes filmes brasileiros de todos os tempos.